

*Se o caminho é meu*¹: possibilidades do estudo de trajetórias na etnografia de grupos de samba compostos por mulheres²

Julia Ricciardi – PPCULT/UFF - RJ

Resumo: O artigo reflete sobre a utilização dos estudos biográficos e de trajetórias na construção de uma etnografia sobre dois grupos de samba exclusivamente formados por mulheres no Rio de Janeiro: *Samba Que Elas Querem* e *Moça Prosa*. Partindo de uma pesquisa cujo principal objetivo é compreender as novas práticas do samba tendo em vista as trocas simbólicas entre passado e presente, este recorte se propõe a pensar como a referida solução metodológica responde às experiências e configurações do campo e aos contatos com as interlocutoras de pesquisa. Busca-se, ainda, compreender como o estudo de trajetórias reflete e reforça o entendimento ampliado das práticas musicais, apontando para seus sentidos social e processual.

Palavras-chave: estudo de trajetórias, mulheres sambistas, etnografias da música.

Introdução

Moça Prosa e *Samba Que Elas Querem* são dois conjuntos musicais do Rio de Janeiro formados por mulheres, cisgênero, respectivamente em 2012 e 2017. Eles não são os primeiros a adotar esta formação, tampouco são os únicos grupos em exercício hoje na cidade reivindicando o protagonismo das mulheres nesta prática musical. Longe de serem projetos isolados, os conjuntos parecem compor um cenário mais amplo que também fez surgir, nos últimos anos, movimentos que congregam e pautam reivindicações das mulheres sambistas, como Movimento das Mulheres Sambistas³ e Encontro Nacional das Mulheres na Roda de Samba⁴.

¹ “Se o caminho é meu / deixa eu caminhar deixar eu”. Título de canção composta por Paulinho Mocidade e Jurandir Bringela gravada por D. Ivone Lara. A canção compõe o repertório do grupo *Moça Prosa*.

² Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

³ Coletivo originado a partir do Dia da Mulher Sambista, comemorado pela primeira vez em 13 de abril de 2019, reúne mulheres de diversas áreas de atuação com a proposta de organizar, fomentar e difundir ações que promovam o protagonismo feminino no samba.

⁴ Projeto idealizado pela cantora carioca Dorina com a proposta de fortalecer redes entre rodas de samba, cantoras e instrumentistas de todo país estimulando as trocas culturais e a divulgação da presença das mulheres do samba.

No ano de 2019 iniciei junto aos dois grupos um trabalho de campo de cunho etnográfico que buscava responder a perguntas de pesquisa como: quais são as tensões referentes à legitimidade e pertencimento destas musicistas ao universo do samba? Como e quais são as identidades forjadas nessa prática? Quais são seus modos de fazer, como sua prática se sustenta e com quais outras práticas contemporâneas se relaciona? Minha intenção era, fundamentalmente, compreender como se dão as negociações simbólicas entre os fazeres desses grupos e a herança do samba, sua história, sua linguagem consolidada, seu “passado relevante” (HOBSBAWN, 1997, p.8).

Um dos caminhos metodológicos eleito para responder a estas inquietações foi o do estudo de trajetórias, entendido, como assinalado por Marinho (2017) como não apenas um agrupamento de técnicas de pesquisa, mas como uma perspectiva em relação à construção do conhecimento social. A aposta foi a de que a participação reivindicada pelos grupos no que concernia à prática musical do samba mobilizava o tema da agência frente às estruturas sociais e que essa agência se expressava não só na forma de construção das performances musicais, mas também nas narrativas de trajetória que grupos e musicistas construíam sobre si. Este recorte se propõe, portanto, a pensar como a referida solução metodológica se relaciona com narrativas de trajetória observadas em dois níveis: as trajetórias dos grupos e as trajetórias de algumas das musicistas. Busca-se, ainda, compreender como o estudo de trajetórias reflete e reforça o entendimento ampliado das práticas musicais, apontando para seus sentidos social e processual.

Trajetórias: os grupos

A perspectiva de abordagem das práticas musicais a partir de um contexto amplo, considerando, como sugere Pinto (2001, p. 3), seu diálogo com as “várias atividades sociais e os significados múltiplos que decorrem dessa interação” constituem, para o mesmo autor, o foco da antropologia da música, seu plano fundamental de análise que supera uma abordagem estritamente relacionada ao som. As práticas musicais, consideradas como “manifestações de crenças, de identidades” (Ibidem), que encontrariam paralelos nas estruturas sociais, parecem assim abertas a soluções de pesquisa como os estudos de trajetórias, de trajetórias de vida, de biografias. Segundo Marinho (2017, p. 31), um foco nas trajetórias e em suas dimensões biográficas é uma operação de afirmação de singularidade de experiências e de possibilidades de agenciamento frente ao contexto social mais amplo e nesse sentido poderia ser exitoso adotar esta perspectiva nas experiências etnográficas nas quais o campo sugere ênfase na

não conformidade aos papéis sociais tradicionalmente estabelecidos e na heterogeneidade das identidades das interlocutoras de pesquisa, como o campo dos grupos de samba exclusivamente compostos por mulheres.

No exercício etnográfico que norteia este trabalho, as narrativas de fundação dos grupos *Moça Prosa* e *Samba Que Elas Querem* talvez tenham sido as primeiras informações que provocaram o interesse por investigar o fenômeno da prática musical das mulheres sambistas através do estudo de trajetórias. Uma vez em campo, era possível observar estas narrativas sendo contadas e recontadas de maneiras diferentes para diferentes interlocutores em diferentes momentos. O que inicialmente parecia o natural encadeamento cronológico dos fatos sobre como os grupos haviam trilhado o percurso até o momento no qual se encontravam, revelava seu caráter arbitrário de seleção e encadeamento dos acontecimentos entendidos como significativos, como assinalado por Bourdieu (2006), o que resultava na circulação de narrativas mais ou menos diversas de como os dois grupos haviam surgido. A seguir, são apresentadas apenas duas dessas narrativas, uma sobre cada grupo.

Moça Prosa surge em 2012, na Pedra do Sal. Em sua composição o grupo possui uma maioria de mulheres negras, contando hoje com 7 musicistas fixas e, por isso, se identifica como um grupo de afirmação das mulheres negras no samba. A formação do grupo se dá a partir do encontro de mulheres com pouca ou nenhuma experiência na música, em sua maioria frequentadoras das rodas de samba da região, na oficina de percussão *Bambas de Saia*, criada por Wagner Silveira. Por quase quatro anos, *Moça Prosa* se apresenta vinculado à um bar na Pedra do Sal para um pequeno público, composto por muitos conhecidos e amigos, em sua maioria homens, até que um incentivo financeiro recebido através da Rede Carioca das Rodas de Samba permite que o grupo realize simultaneamente também uma roda em uma região bem próxima, o Largo de São Francisco da Prainha. No final de 2016, o grupo decide fazer a mudança definitiva. A mudança marca este momento de expansão do público (que passa a incluir mais mulheres, mulheres negras e pessoas LGBTQIA+) e do acontecimento da roda mensal, que passa a abrigar uma feira. A roda de rua no Largo de São Francisco da Prainha hoje ultrapassa os limites de uma prática musical do gênero, podendo ser entendida como um movimento cultural mais ampliado, é o grande foco de trabalho do *Moça Prosa*, sendo realizada mensalmente desde sua fundação. Para além de sua roda de rua, *Moça Prosa* firma-se como um grupo atuante na cidade a partir de apresentações contratadas.

Samba Que Elas Querem é um grupo de composição mais recente. O conjunto surge da convergência de dois processos informais iniciados por musicistas que viriam a formá-lo, em 2017: algumas musicistas que se encontrava para estudar e pesquisar práticas musicais do samba se agregam a outras em uma festa de aniversário que era comemorada com uma roda de samba inteiramente composta por mulheres. O evento do aniversário atrai um público que gosta da roda, os encontros continuam, até que o grupo consolida sua primeira formação. A roda passa a ter frequência mensal na Rua Pedro Américo, no Catete. Em 2018, pelo aumento de público, esta roda migra para o bar A Paulistinha, no Centro, e logo depois, em 2019 passa a ser realizada na Banca do André, também no Centro, mas de forma mais esporádica, sem frequência mensal. Como *Moça Prosa*, o grupo também realiza trabalhos em outros espaços da cidade, como casas de show, teatros e eventos diversos.

A ideia aqui é assinalar que em uma etnografia das práticas musicais as narrativas de fundação dos grupos pesquisados podem estar longe de serem um procedimento meramente formal de apresentação do objeto. Estas narrativas, que revelam não um fim em si, mas como observado por Bourdieu (2006), certa ilusão biográfica, o ordinário da construção das trajetórias, uma operação de edição arbitrária que chega quase a desqualificar esse material como passível de aplicado em uma investigação científica, pode ser, ao contrário, compreendido como um procedimento de ação dos grupos no campo social. Este exercício de reinvenção realizado no momento mesmo das interações em campo, pode lograr, por exemplo, legitimidade para as práticas musicais dos grupos inteiramente formados por mulheres em um cenário historicamente ocupado por uma maioria de grupos formados exclusivamente por homens. No caso desses grupos, a narrativa de suas trajetórias está diretamente ligada ao tema da tradição e suas reinvenções, com o que se escolhe reproduzir e narrar das práticas do passado, com que lentes, ou, para usar uma metáfora do campo dos sons, com que ouvidos estes grupos nos orientam a ouvir o passado.

Mas em campo, não eram só as trajetórias dos grupos que provocavam as temáticas do estudo de trajetórias. Havia também o nível individual, as trajetórias de vida das mulheres sambistas e musicistas que surgiam durante as entrevistas, entendidas estas também como uma ferramenta de produção etnográfica.

Trajetórias: as musicistas

“Meu pai trabalhava na noite de vigia, mas era músico. Essa coisa de ralar na noite, de tocar para ganhar merreca. Eu cresci ouvindo ele cantar samba do Cartola e tudo mais. Aqueles sambas antigos da Velha Guarda, meu pai tocava violão muito bem. Só que ele falava para mim, pô Jack, não segue o mesmo caminho que o meu, que não tem futuro, vai passar fome e tudo mais. Então meu pai fazia de tudo para eu não seguir no caminho dele. Só que aquilo ali já estava muito entranhado em mim.” (ROCHA, 2020)

É assim que Jack Rocha, cantora do conjunto *Moça Prosa*, narra para a pesquisa que fundamenta este artigo seus primeiros contatos com o samba. A título de ilustração de uma série de entrevistas realizadas com as interlocutoras de pesquisa, a fala da sambista revela, no que se refere à dinâmica das trajetórias de vida, ao mesmo tempo continuidade e rompimento com uma espécie de trajeto socialmente desejado, esperado. As musicistas dos grupos pesquisados possuem perfis sociais heterogêneos e por isso são também diversas as trajetórias narradas por cada uma delas, suas escolhas de acontecimentos relevantes quando o tema mobilizado é o campo de suas práticas musicais.

No grupo *Moça Prosa*, por exemplo, a maioria das mulheres são negras, três delas são mães, e a maioria delas não trabalha nem exclusivamente com música nem exclusivamente com samba. Muitas delas cursaram ou cursam graduações, especializações ou mestrados, e as sambistas vivem hoje em diferentes regiões da cidade e de fora dela, como Zona Norte, Centro, Zona Sul, Zona Oeste e Niterói. *Samba Que Elas Querem* é composto por uma maioria de mulheres brancas, residentes hoje, em sua maioria, na Zona Sul da cidade. Neste grupo, nenhuma musicista é mãe, algumas delas trabalham exclusivamente com música.

Mesmo diante da multiplicidade de experiências etnografadas durante as entrevistas, o caráter de edição das trajetórias permanece o mesmo que o observado na construção narrativa sobre as fundações dos grupos. Aqui, o tema da agência também é mobilizado. Martucelli (2007) afirma que, radicalmente, a capacidade de agência pode levar a situações marcadas pela emergência de papéis sociais inteiramente novos:

“(…) quando os atores co-constroem efetivamente novos modelos de papéis. Dada a profundidade de uma mudança histórica, por exemplo, os atores se encontram com o que devem fazer frente a situações relativamente inéditas que exigem um trabalho criativo no sentido estrito do termo.” (Ibidem, p. 45)

Certeau (2019) também se dedica às operações criativas ligadas à agência. Através de uma valorização do relato e da heterogeneidade das práticas cotidianas de consumo cultural, ele observa as “táticas”, as “bricolagens”, as “microrresistências” operadas pelas pessoas comuns. O autor observa, sobre a ideia de trajetórias do que chama de “produtores

desconhecidos” ou “consumidores”, uma possibilidade de emancipação dos papéis sociais previamente estabelecidos como a que Martuccelli (2007) assinala:

“No espaço tecnocraticamente construído, escrito e funcionalizado onde circulam, as suas trajetórias formam frases imprevisíveis, “trilhas” em parte ilegíveis. Embora sejam compostas com vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidas a sintaxes prescritas, elas desejam as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem.” (DE CERTEAU, 2019, p. 44)

Uma das principais tensões no campo das práticas do samba por mulheres é a não conformação aos papéis sociais prescritos para musicistas deste gênero na tradição consolidada da música. Sendo essas práticas desafiadoras e negociadoras das condições dadas, mobilizam essencialmente a temática da agência. A perspectiva das trajetórias de vida permite uma valorização do poder de agência das mulheres sambistas (que demonstram a não conformação aos papéis sociais consolidados) e permite compreender o processo de criação de novas identidades pelas musicistas na prática do samba. Martuccelli, resgatando as propostas de Bourdieu e Giddens, afirma que a agência:

“(…) sublinha o movimento dialógico / recursivo pelo qual as estruturas reproduzem o agente e o agente, por sua vez, transforma as estruturas. Na agência, o que insiste é a recursividade entre ação e estrutura.” (Ibidem, p. 25)

A abertura de espaço para a agência, será também a abertura de um espaço antes inédito para o jogo identitário. As mulheres que protagonizam o samba, confrontando, continuando ou descontinuando termos das práticas tradicionais, estão também forjando novas identidades.

Considerações finais

Este artigo pretendeu oferecer reflexões iniciais, a partir da experiência de uma etnografia empreendida junto a dois grupos exclusivamente formados por mulheres musicistas, sobre o estudo de trajetórias como ferramenta de uma antropologia da música compreendida de forma ampliada. A edição, reinvenção, das histórias de vida e de fundação dos grupos, ação compartilhada entre interlocutoras e pesquisadora reflete aqui a própria edição e reinvenção do passado do samba nas novas práticas musicais propostas por estas mesmas interlocutoras.

Se, por um lado, como sugerido no título deste trabalho “o caminho é delas” este processo de reinvenção das tradições tem ele mesmo seu aspecto constante. Nas negociações haverá o que permanece, como também nas narrativas biográficas a agência,

a possibilidade de produzir-se outra representação social ao narrar-se, convive com a necessidade da unidade narrativa sobre si e sobre os grupos.

Talvez deva acompanhar este debate também uma reflexão sobre os impactos e interferências gerados pela presença da etnógrafa no campo, já que no exercício de falar sobre si mesmas a partir de questões previamente elaboradas, entendidas como significativas para a compreensão do tema pesquisado, as mulheres sambistas acabam mesmo por produzir as novas identidades com as quais pretendem afirmar legítima sua presença no universo das práticas do samba. O recorte que a pesquisa de trajetórias de vida realiza na experiência mais vasta dos sujeitos pesquisados também se desvela como uma experiência compartilhada com a pesquisadora que diante de uma gama de experiências de várias ordens, que ultrapassam a científica, opera o recorte em sua própria trajetória de pesquisa na construção de uma narrativa etnográfica das práticas musicais.

É possível, por fim, que o estudo de trajetórias ao passo em que revele entre as próprias musicistas perspectivas em comum, revele também experiências heterogêneas com os fazeres musicais (como trajetórias de aprendizado de música que vão desde o contato formal com a música clássica ainda na infância até o aprendizado empírico na idade adulta), ampliando ainda mais as possibilidades de um campo da etnografia da música. Neste cenário, as traduções de sentido sobre o fazer musical operadas pela escrita etnográfica de uma pesquisadora não musicista são também experimentadas nas interações no interior do próprio grupo pesquisado.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRYDBERG, Marina. Entre os instrumentistas e as cantoras: o lugar do feminino e do masculino no choro, no samba e no fado. Anais Fazendo Gênero n. 9. 2010.

GRILLO, Bárbara. Um samba que elas querem: A voz das mulheres sambistas no rio de janeiro. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2019.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terrence (orgs.). A invenção das tradições. São Paulo: 11ª edição, Paz e Terra, 2017.

MARINHO, Marco Antonio. Trajetórias de Vida: um conceito em construção. In: Revista do Instituto de Ciências Humanas, Vol. 13, nº 17, 2017.

MARTUCCELLI, Danilo. Lecciones de sociología del individuo. Cuadernos de Trabajo nº 2. Pontificia Universidad Católica del Perú, 2007.

PINTO, Tiago de O. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. Revista de Antropologia, São Paulo, V. 44, n. 1, p. 222-226, 2001.

ROCHA, Jaqueline dos Santos. Entrevista concedida a Julia Ricciardi. Rio de Janeiro, 2020.

VELHO, Gilberto. "Biografia, trajetória e mediação", in Gilberto Velho & Karina Kuschnir (orgs.), *Mediação, cultura e política*, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, 2001.